



PROBLEMATIZANDO OS PROCESSOS DE EDUCAÇÃO POPULAR ATRAVÉS DA ATUAÇÃO DO MOVIMENTO FEMINISTA EM PELOTAS

Questioning the Processes of Popular Education Through the Feminist Movement Action in Pelotas

Daniele Rehling Lopes

Resumo

O presente trabalho visa discutir alguns resultados de intervenções realizadas em 2013, por um coletivo feminista da cidade de Pelotas, - denominado Frente Feminista Giamarê, em um espaço de educação popular, que é o projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas denominado Desafio Pré-vestibular. A metodologia utilizada para os encontros foram oficinas que debatiam diferentes temas ligados às questões de gênero, como construções dos papéis femininos e masculinos, debate sobre o aborto, entre outros. As intervenções realizadas pela Frente Feminista foram tanto na desconstrução cotidiana do patriarcado entre as/os educandas/os do curso, como de problematizar os princípios da educação popular que se encontravam em contradição com as práticas opressoras realizadas por alguns educadores do curso. As lições aprendidas foram diversas, principalmente sobre as possibilidades que a educação através dos movimentos sociais pode proporcionar para o empoderamento feminino.

Palavras-chave: Movimento Feminista. Educação Popular. Empoderamento feminino.

Abstract

This work discusses some interventions results conducted in 2013 by a feminist movement in the city of Pelotas, - called Giamarê Feminist Front, within a popular education place that stands as freeing, which is a Pelota's Federal University extension project for pre college entrance exam named Desafio. The method used in the encounters were workshops to debate different subjects related to gender issues, such as the social constructions of male and female roles, the abortion debate, among other topics. The interventions made by the Feminist Front were intended to debate as much as everyday deconstruction of patriarchy with the students as to discuss the principles of popular education that were at odds with everyday practices carried out by some teachers. The lessons learned were many, especially about the possibilities that education through social movements can provide to women's empowerment..

Keywords: Feminist Movement. Popular education. women's empowerment.

Considerações Iniciais

Neste trabalho busca-se trazer uma reflexão acerca da pesquisa realizada dentro do curso popular pré-universitário Desafio - sendo este um projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas existente há 22 anos - sobre oficinas realizadas por um dos movimentos feministas de Pelotas, a *Frente Feminista Giamarê*.

Dessa forma, o artigo que ora introduzo está dividido em três partes com objetivos específicos: na primeira parte farei um recorrido da construção do ser mulher nessa sociedade patriarcal e as formas de resistência feminista frente a ela, para discutir os processos formativos presentes nos movimentos feministas; no segundo momento a discussão proposta se dará a partir dos princípios da educação popular libertadora advinda da obra de Paulo Freire, para a compreensão do projeto educativo que temos e o que queremos e, por fim, na terceira e última parte, apresento uma reflexão sobre as atividades realizadas, relacionando educação popular e feminismo, suas possibilidades, resultados e caminhos.

O movimento chamado “Marcha das Vadias”, que surgiu no ano de 2011 em Toronto – Canadá. A origem do movimento ocorre principalmente a partir de uma palestra ministrada por um policial em uma Universidade sobre a temática da violência sexual, sobretudo dentro do meio universitário. A resolução central do palestrante para conter o alto índice de violência sexual foi “aconselhar” que as mulheres “não se vestissem como vadias”. Essa expressão e as diversas colocações deste policial ocasionaram uma grande mobilização e revolta de mais de três mil pessoas no dia seguinte. Desde então o movimento foi se internacionalizando, com intuito de debater sobre as liberdades individuais das mulheres, como usar todos os tipos de roupas, mas também visava incidir sobre direitos coletivos negados historicamente a elas.

Em 2012 a marcha das vadias é organizada pela primeira vez em Pelotas, onde mais de quatrocentas pessoas participaram. Já em 2013, após a primeira experiência, a marcha foi organizada três meses antes da sua data, pois havia a compreensão sobre a necessidade da luta feminista na cidade estar presente para além de um único dia. Para tanto, foi planejado nesse ano, diversas atividades públicas pra debater os diferentes temas relacionados ao feminismo, denominadas de “pré-marcha”, em espaços que fundamentalmente dialogavam

com as mais variadas parcelas da população. Desses espaços, um que foi prioritário para as mulheres pensarem e colocarem em prática essas discussões, foi o curso popular Desafio pré-vestibular.

Ainda em 2013, sentiu-se a necessidade, a partir da realização da segunda marcha das vadias na cidade, de articular um movimento feminista permanente, que continuasse realizando atividades e debates, como foram as propostas das “pré-marchas”. Nessa perspectiva, diversas mulheres que organizaram a marcha começaram a pensar a articulação desse grupo, que seria então, mais adiante, denominado de *Frente Feminista Giamarê*. A escolha do nome foi coletiva, e buscou homenagear uma mulher negra símbolo da resistência na cidade de Pelotas, a cantora Giamarê.

Um das principais razões para a escolha dos espaços onde seriam ministradas essas atividades foi tanto o público alvo, quanto, no caso específico do Desafio pré-vestibular e de algumas escolas da periferia, foi de problematizar conjuntamente o espaço educativo, enquanto um espaço de reprodução do machismo e do patriarcado e a possibilidade de fomento ao empoderamento feminino.

Para a discussão desse trabalho o ponto central é a problematização da proposta do projeto de educação popular do Desafio pré-vestibular e os efeitos pedagógicos que os movimentos sociais, nesse caso, o movimento feminista, podem gerar, partindo do pressuposto que o curso tem em seus princípios a realização de uma educação libertadora e não opressora. Entretanto, o recorte será sobre os impactos curso popular Desafio, a partir das intervenções da *Frente Feminista Giamarê*, no que tange ao empoderamento feminino das educandas e participantes das oficinas temáticas realizadas. Para realização dessa investigação será utilizado a análise de conteúdo das avaliações escritas em cada oficina pelas participantes, e da observação participante.

Os principais diálogos e reflexões que ocorrerão a seguir, desde a fundamentação da educação popular e libertadora até a pedagogia do movimento e o feminismo, serão baseadas principalmente, nas teorias de Paulo Freire e Heleieth Saffioti. A discussão teórica proposta, visa a reflexão sobre as dificuldades de sustentação de espaços de educação popular e libertadora, principalmente no que tange às questões de gênero e sexualidade. Por fim, será discutido a partir dos dados da pesquisa possíveis caminhos para a edificação de uma pedagogia da oprimida.

A Relação entre os Movimentos Sociais e a Educação Popular: Caminhos para o Movimento Feminista

Historicamente podemos acompanhar os caminhos percorridos pelas mulheres que resistem e lutam contra os padrões sociais criados pelo sistema patriarcal – construção social de uma suposta superioridade masculina em relação às mulheres, enquanto não somente um processo gradual de mutilação social, mas principalmente, um processo pedagógico de subalternização e violência.¹

Nessa perspectiva é imprescindível contextualizar as dimensões e constituições sociais e históricas do *ser mulher*. Marcela Lagarde² traz para pensarmos essa construção feminina ao longo do tempo, princípios que regem essa dominação, juntamente com outros elementos da sociedade, como é o caso do capitalismo, sistema político e econômico em que vivemos.

Marcela Lagarde problematiza essa construção do *ser mulher* que ela denomina de *Madresposa*. Esse conceito é central para a leitura e compreensão das formas que o patriarcado e as opressões atingem as mulheres cotidianamente. As *Madresposas* são todas as mulheres, pelo simples fato de serem mulheres, pois mesmo que não sejam nem mães (não tenham filhos/as) e nem esposas (não tenham cônjuges), as mulheres são construídas socialmente e são *madresposas* de forma alternativa, cumprindo as funções reais e simbólicas dessa categoria sociocultural com sujeitos substitutos e em instituições afins.³

Ainda nas discussões trazidas pela autora mexicana, está presente a divisão sexual do trabalho para pensarmos as formas pelas quais ocorre a organização social do patriarcado, buscando através dela, a naturalização dos papéis de gênero. E a autora vai além, afirmando que a feminilidade e a masculinidade se constituem em torno do trabalho e da sua consequente divisão, ou seja, o *ser mulher* que iremos problematizar e trazer para reflexão na presente proposta, está intimamente relacionado com o trabalho, nesse caso específico das mulheres, o trabalho invisível e o trabalho precário.

Heleieth Saffioti⁴ nos traz elementos que possibilitam a problematização da situação de dominação em que a mulher, pois ainda nos dias atuais ela está sujeita ao poder

¹ SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

² LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. *Los cautivos de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005.

³ LAGARDE Y DE LOS RIOS, 2005.

⁴ SAFFIOTI, 1987.

patriarcal e dos padrões estimulados pela comunicação em massa, pelas instituições como um todo, escola, universidade, igreja, empresa, etc. Esses pré-conceitos constituídos nesses espaços, muitas vezes formulados sob a égide da manipulação compulsória e forjada dos que dominam, servem – geralmente sem ter um respaldo científico para a perpetuação das relações sociais na maneira que estão colocadas, reforçando estereótipos e padrões que mutilam e violentam as mulheres simbólica e fisicamente.

O movimento feminista, historicamente, passou por diversos momentos, com demandas específicas e centrais para a emancipação feminina, desde o feminismo liberal até o feminismo socialista, com objetivos convergentes no sentido da urgência da liberdade e da autonomia para as mulheres.⁵ E nesse caminho de conquistas de direitos, a práxis educacional é inerente, é elemento constitutivo na formação do sujeito feminista coletivo e individual. Pois se apresentamos uma nova proposta pedagógica para o debate de gênero, em diálogo constante com os movimentos sociais, enquanto instrumento de formação permanente, reinventando a prática coletiva, incorporando novas perspectivas, está ao mesmo tempo pensando a formação no debate específico das pautas feministas, mas também formação integral das sujeitas, no que tange a organização e metodologias para garantir as lutas que virão.

Assim, desde o processo de socialização subalternizante que as mulheres vivem ao longo da sua criação, é preciso pensar na contramão, o processo de socialização no movimento e a partir dele, onde assim como existe a organização dos grupos dominantes, o movimento e a pedagogia que resulta dele, precisa ter planejamento, ação, sistematização prévia e posterior para constituir de forma completa o pertencimento e a identidade que sustenta esse processo educativo de reconhecimento e enfrentamento das mulheres ao patriarcado.

De acordo com Alves⁶, Freire em alguns momentos na sua construção teórica e política teve sensibilidade para apontar em alguma medida o debate de gênero como necessário para avançarmos contra as opressões de uma forma geral. Compreendendo que apenas a mudança econômica do sistema, ainda que extremamente necessário, não bastaria para a transformação cultural dos distintos processos de socialização e padronização dos corpos.

⁵ STRECK; ALVES, 2010.

⁶ ALVES, 2010.

Para pensarmos os caminhos que necessitamos percorrer enquanto movimento feminista e também, enquanto espaço educativo libertador, é fundamental entendermos que assim como na perspectiva do trabalho e da consequente definição do “lugar feminino” e do “lugar masculino”, os locais de produção e reprodução pedagógica não são neutros, e podem ser pilares de sustentação da educação que auxilia cotidianamente na manutenção do patriarcado, pois de acordo com Freire⁷, a educação é um ato político, e isso pode estar presente tanto através da ideologia dominante e hegemônica da educação bancária, quanto na contra hegemonia, de acordo com a ideologia em defesa dos e das oprimidas.

Assim, podemos compreender a partir da perspectiva Freireana que a educação sendo política não pode ser mera anunciação da subalternização, mas consiste em etapas profundamente críticas no conteúdo e no método, visto que, o processo de desnaturalização da história opressora e dominante é algo ainda mais complexo e enraizado culturalmente. Pois de acordo com Freire:

[...] A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora tem dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão se comprometendo, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser dos homens em processo de permanente libertação.⁸

A partir desta concepção é possível refletirmos sobre a necessidade de criarmos uma nova pedagogia, nova na sua prática e nos seus princípios, não apenas no seu discurso. É preciso que os/as oprimidos/as retomem seus espaços com a resistência que já vêm construindo há muito tempo, e essa resistência deve ter um espaço garantido nas esferas educacionais, na tentativa coletiva e protagonizada por esses grupos de reverter a lógica tanto da educação conservadora, quando das opressões, que se alimentam dialeticamente dentro desse sistema. E é assim que nasce a proposta de uma pedagogia feminista, que se propõe a libertar a todos da opressão de gênero e, mais especificamente, as mulheres.

A busca por uma Pedagogia Feminista é, portanto, recriar e repensar o método de Freire, sem de modo algum deslegitima-lo, pelo contrário, é problematizar elementos pouco aprofundados anteriormente e que, inclusive, constitui algo sempre trazido por ele, como um de seus maiores anseios: a renovação de sua teoria. Sendo assim, com a base dessa

⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra, 2011.

⁸ FREIRE, 2011, p. 31.

proposta imersa na pedagogia do oprimido é que, necessitamos então, a partir da caracterização do mundo patriarcal, enfrentá-lo. Desta forma, diante dessa problemática, defendemos a pedagogia feminista proposta por Cecília Sanderberg,

[...] a Pedagogia Feminista é entendida como o conjunto de princípios e práticas que visa conscientizar indivíduos, tanto homens como mulheres, da ordem patriarcal vigente em nossa sociedade, dando-lhes instrumentos para superá-la e assim, atuarem de modo a que construam equidade entre os sexos.⁹

Sendo assim, é necessário a construção de um projeto popular e emancipatório para homens e mulheres onde, partindo de uma educação não-sexista, possamos caminhar para uma Pedagogia Feminista, que pretende ter como central discussão o protagonismo das mulheres, onde a diferenciação entre ambas propostas se dá a partir da forma e da construção desta metodologia, que também, concomitantemente, é princípio político e projeto coletivo.

Metodologia das Intervenções

Inicialmente é de suma importância caracterizarmos a constituição e a organização das intervenções realizadas pela *Frente Feminista Giamaré* no Desafio Pré-vestibular. Durante o ano de 2013 foram realizadas quatro oficinas temáticas: história do feminismo; o que é a marcha das vadias; legalização do aborto/estatuto do nascituro e violências simbólicas do patriarcado na vida das mulheres. Esses encontros aconteceram durante três meses antes da marcha das vadias na cidade, que ocorreu no dia nove de novembro, e teve como objetivo central não apenas mobilizar outras mulheres para somar na construção da manifestação, mas principalmente fomentar de diferentes formas o empoderamento feminino e a problematização do curso popular Desafio, enquanto um espaço político e pedagógico.

Na construção da primeira oficina, sobre a história do feminismo, foi utilizada a dinâmica da “linha do tempo” da construção histórica dos principais momentos em que as mulheres tiveram visibilidade e travaram suas lutas, a oficina se dava de forma interativa, ou seja, haviam papeis com anos importantes para o movimento feminista, e outros papeis com a descrição de eventos sobre a luta das mulheres, onde as pessoas precisavam então ir

⁹ SANDERBERG, Cecília. Pedagogias feministas: uma introdução. In: VANIN, Iole; GONÇALVES, Terezinha. *Caderno Gênero e Trabalho*, REDOR, p. 44/57, 2006. p. 46.

refletindo e colocando os papéis das datas correspondentes ao evento, dessa forma foi realizada a primeira oficina de forma coletiva, principalmente com as educandas do projeto.

O segundo encontro, já com a temática mais aprofundada do momento contemporâneo que vive o movimento feminista, que é expresso principalmente pelas marchas das vadias por vários lugares do país e do mundo, se utilizou de vídeos que outras organizações de mulheres haviam produzido em outros locais e realizou-se a “dinâmica dos xingamentos”, onde havendo alguns meninos e meninas presentes, pediu-se que cada pessoa escrevesse um “xingamento” que conhecesse para meninas, e um “xingamento” para meninos, como por exemplo, para as meninas, a expressão “vadia”, já para os meninos, não se utilizaria a expressão “vadio” com a mesma conotação, então surgiu o xingamento “viado”, e assim por diante. Depois de escrito em papéis, as meninas deveriam colar em sua testa os “xingamentos” tidos socialmente como masculinos e os meninos os “xingamentos” femininos. E assim eram todos e todas instruídos/as a circularem pela sala, olhando um/a para o olho do outro/a e deveriam verbalizar da forma mais violenta o que estava escrito na testa da outra pessoa. O principal intuito da proposta era de compreender a violência que principalmente as mulheres sofrem através dessa estigmatização social de expressões que buscam ser depreciativas e, diversas vezes, objetificadora dos corpos femininos, desmistificando tudo que constitui socialmente o termo “vadia”.

Posteriormente à esses debates introdutórios referentes ao movimento feminista, buscou-se trabalhar com algumas pautas que são tanto da marcha das vadias, quanto do movimento feminista como um todo, inclusive internacionalmente. Entretanto, com a organização complexa que demanda um tempo considerável e um preparo prévio, não foi possível aprofundar todas as pautas da marcha das vadias. Sendo assim, optou-se por debater um dos temas centrais, e que em 2013 estava fortemente ligado com o PL 478/07, projeto de lei que visa garantir proteção integral ao nascituro, onde, dentre várias discordâncias do movimento feminista em relação ao PL estava, principalmente, a proibição do aborto em todos os casos, pois considera que a vida humana surge desde a concepção, regredindo assim, fundamentalmente em direitos já conquistados pelas mulheres, como é o caso da legalidade do aborto em três ocasiões específicas: quando o feto é anencéfalo; quando existe risco de morte para a mãe e em caso de estupro. Dessa forma, realizou-se esse debate no terceiro encontro proposto pela Frente Feminista dentro do Desafio, por entender a sua urgência e importância. Para essa oficina foi utilizado vídeos sobre o tema e

discussão baseada no PL do estatuto do nascituro, desmistificando e trazendo diversos dados sobre o aborto no Brasil.

Por fim, foi realizado na última oficina, a construção de uma “linha do tempo do *ser mulher*”, onde as meninas e meninos deveriam responder a várias perguntas sobre a sua vida pessoal, desde seu nascimento até o momento atual.

Proposta básica de roteiro para a dinâmica “linha do tempo”:

- 1) Você foi planejado ou um “acidente”?
- 2) Seus pais queriam menino ou menina?
- 3) Quem decidiu seu nome?
- 4) Como era seu enxoval de bebê?
- 5) Como eram suas brincadeiras quando você era pequeno/a? Brincava de quê e aonde (rua/casa)
- 6) Como eram seus brinquedos? Brincava de quê? Com quem? Gostava de brincar de algo que não te deixavam? Queria brincar com brinquedos do irmão ou irmã?
- 7) Como e quem definia suas roupas? Usava o que? Saia, blusa, sutiã, bermuda, vestido, etc... Teve autonomia pra decidir o que vestir? Quais cores gostava?
- 8) Como era/ é sua relação com seu corpo, com beleza? Alguém te reprimia ou estimulava mostrar ou esconder o corpo?
- 9) Na escola: Cobrança sobre letras, cadernos, notas... como foi?
- 10) Universidade: como definiu curso/profissão?
- 11) Nos relacionamentos: cobrança sobre corpo, sexo, fidelidade, roupas, lugares, amigos... como é/era?
- 12) Quer ou não quer ter filhos/as?
- 13) Quem ajuda na sua casa/família nas tarefas domésticas?
- 14) Como você se imagina com 30 anos, com 50, com 60?

O objetivo dessa dinâmica era a possibilidade das meninas conseguirem visualizar as similaridades existentes na sua criação enquanto mulheres, e os meninos também conseguirem enxergar a sua outra construção, na sua maioria das vezes, quase oposta a das meninas, e assim podendo perceber que as diversas situações de suas vidas, são também situações coletivas e sociais, dessa forma, passíveis de transformação.

Ao final de cada oficina as meninas e meninos eram convidadas/os a escrever sobre as suas impressões em relação as oficinas, o que havia suscitado em si aquele debate, sugestões, críticas, etc.

Metodologia da Investigação

A pesquisa qualitativa, com o uso do método da observação participante e análise de conteúdo das avaliações escritas pelas/os participantes, a partir das intervenções realizadas pela Frente Feminista Giamarê, nos proporciona perceber as perspectivas das/os educandas/os frente à proposta política e pedagógica realizada, e se há efetivamente transformações no sentido do empoderamento feminino, problematizando conjuntamente o papel político da educação popular.

Na observação participante, a partir da delimitação de uma rotina, que foi estabelecida em função da minha participação nas oficinas feministas, foi possível investigar e organizar no diário de campo os apontamentos necessários que respondiam aos objetivos do trabalho. Nesse caso foram colocadas observações referentes principalmente a participação das meninas, se elas estavam se sentindo confortáveis para se manifestar, o conteúdo de suas falas, quais elementos traziam para o debate relacionado com o seu contexto social, etc.

Para a realização deste trabalho buscou-se investigar, principalmente, as avaliações escritas pelas participantes mulheres, na tentativa de, a partir de um espaço “mais livre” de expressão, algo que poderia não ocorrer durante o debate, tanto em função da presença de alguns meninos no local, quanto devido a construção social baseada no silenciamento feminino, poderia trazer elementos essenciais para a análise das mudanças ocorridas durante esse processo.

Nesse sentido, por compreender que o Desafio pretende abarcar o tripé ensino-pesquisa-extensão é importante, para além da minha prática docente enquanto educadora da disciplina de sociologia dentro do projeto, avaliar conjuntamente o resultado da minha prática através da Frente Feminista Giamarê, da qual também faço parte, formulando não apenas metodologias alternativas de debate de gênero em espaços educativos, mas um intenso processo de levantamento de dados, sobre quem são essas meninas, suas realidades, suas demandas, inquietações e, por fim, poder construir e aprimorar

coletivamente com elas, métodos educativos feministas permanentes nesse espaço de educação popular, na perspectiva de construção de uma pedagogia feminista.

É necessário contextualizar a escolha pela pesquisa participante, por compreender como nos traz Brandão e Streck que esta é uma forma de fazer ciência que vai na contramão dos modelos tradicionais, pois ela procura romper com a ideia de oposição entre sujeito/objeto, reafirmando e tornando os saberes populares protagonistas na constituição do conhecimento em uma constante construção coletiva. Assim, minha atuação enquanto educadora juntamente com a pesquisa aqui apresentada se complementam no sentido de compreender que o saber e a visão que os meus e minhas educandas possuem tanto sobre a minha prática pedagógica e militante (no caso específico da intervenção do movimento feminista), constituem essa participação pesquisante.¹⁰

Ainda no que se refere às notas no diário de campo, encontra-se alguns fatos relacionados as educandas, como por exemplo, “denúncias” realizadas por parte de algumas delas sobre como as “piadinhas” e posicionamentos opressores de alguns professores vem se tornando cotidiano e fazendo com que cada vez mais elas se sintam inferiores, e como as oficinas auxiliaram em alguma medida pra que elas falassem sobre essas diversas formas de manifestação de sexismo no curso. Isso aponta a necessidade de construirmos no Desafio alternativas para combater este tipo de práticas. Dessa forma, as oficinas realizadas serviram como uma forma de avaliarmos nossa própria atuação.

A Frente Feminista Pelotense Giamaré em Diálogo com o Curso Popular Desafio Pré-Vestibular: Alguns Resultados e Discussões

A iniciativa de discutir os processos pedagógicos presentes nas intervenções do movimento feminista, dentro do Desafio Pré-Vestibular, ocorre principalmente pela minha participação enquanto educadora no projeto como citado anteriormente, o que, conseqüentemente, possibilita a todo instante visualizar a série de fatos que acontecem nesse espaço, que não rompem com a cultura de inferiorização das mulheres na maioria das vezes, e ao mesmo tempo, com a minha inserção no movimento feminista da cidade, tentando buscar coletivamente mecanismos de intervenção para além da Universidade. Assim, diante das várias avaliações e contribuições escritas pelas/os participantes das

¹⁰ BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo (Orgs.). *Pesquisa participante: o saber da partilha*. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

oficinas foi possível estabelecer algumas categorias importantes para a análise do possível empoderamento feminino, da desconstrução de algumas práticas machistas, reproduzidas tanto por meninos, quanto por meninas e a problematização do papel do curso popular Desafio.



Imagem 1: Oficina Feminista realizada no dia 13/08/2013

A primeira categoria que podemos discutir e que se repete em diferentes avaliações, é o grau elevado de desconhecimento sobre o que é o feminismo, inclusive o preconceito existente, tanto por parte das meninas quanto dos meninos, anterior as oficinas. No entanto, a partir do trabalho realizado nas oficinas, estabeleceu um novo olhar sobre o movimento e suas lutas, como relata a educanda “A” do projeto: *“a cada oficina eu estou descobrindo coisas que nunca tinha pensado antes, e descobri que eu mesma reproduzo machismo, mesmo sendo mulher, queria que não fosse mais assim”*. Portanto, a angústia apresentada no relato da educanda não é apenas individual, aparecendo também em outras avaliações de outras/os participantes, é também sintomática no que tange ao estímulo constante dos momentos educativos, como por exemplo na escola e através dos meios de comunicação, da reprodução da discriminação de gênero.

Assim entende-se que a educação deve ser libertadora não apenas no sentido das classes sociais, mas também, em mesma medida para as “minorias sociais”, pois Freire - idealizador da Pedagogia do/a Oprimido/a - já alertava para as desigualdades de gênero em seu tempo histórico, quando dizia que a língua portuguesa é “macha”, as palavras e a linguagem são reproduzidas no masculino na maioria das vezes, assim como a Educação Popular também é “macha” quando a maior parte dos pesquisadores da área são homens, discutindo a libertação apenas na perspectiva de classe, muitas vezes subsumindo as questões referentes às mulheres.¹¹

A segunda categoria que se apresenta no decorrer das escritas, é a satisfação dos e das participantes em ver que o debate do feminismo é possível de acontecer nos seus espaços, que não são os espaços universitários, por exemplo. A problematização que surge deles e delas é fundamental para avaliarmos o quão é indispensável para o movimento feminista atingir os seus objetivos: que estejamos realizando um trabalho profundo em espaços e com grupos que são historicamente excluídos principalmente da Universidade, que é o lugar onde o feminismo de uma forma geral, predomina.

Em relação à Marcha das Vadias não é diferente, pois ela surge dentro da Universidade e visa problematizar principalmente o aspecto da liberdade individual das mulheres de escolherem sua própria roupa e não serem violentadas, o que obviamente é uma pauta de extrema importância, mas que precisa avançar para outros aspectos que contemplem ainda mais as mulheres da periferia, que cotidianamente são as mais segregadas das informações e da educação. Assim como nos traz os relatos a seguir:

Eu sempre participava das oficinas e aulas que existem aqui no curso, sempre relacionadas ao ENEM, nunca imaginei que pudesse discutir aqui sobre essas questões das mulheres, porque nunca debati em nenhum outro lugar isso, nunca me falaram essas coisas, as coisas que eu aprendi sobre algumas manifestações de mulheres, era sempre as pessoas falando mal, achei que isso nem era pra mim, mas to mudando um pouco a minha visão, vindo aqui com vocês.¹²

Complementa a educanda “B” sobre a possibilidade do feminismo agora ser também o seu lugar,

¹¹ FREIRE, 2011.

¹² Depoimento coletado em 13/08/2013.

Eu achei super importante estar tendo esses debates aqui no curso, sempre achei que essas coisas eram mais ligadas a Universidade, e eu pesquisava na internet, mas nunca sabia como me aproximar, agora eu sei.¹³

Outro elemento presente nas avaliações escritas das educandas foi a diferenciação da construção das metodologias dos encontros em comparação com as aulas convencionais na escola formal e inclusive no curso Desafio, aparecendo mais de uma vez nos relatos e que pode ser exemplificado de acordo com a educanda “C”,

A primeira oficina foi muito gostosa, informativa sem se prender muito só a informação, explorando momentos de abertura para a reflexão e mais participativa, esse formato das cadeiras em roda é muito mais intimista.¹⁴

Assim, podemos compreender que, para além dos debates e aprendizados relacionados com as questões de gênero e sexualidade nos espaços educativos, é imprescindível que possamos refletir e construir métodos alternativos, reflexivos e participantes. Como exemplo cito Freire¹⁵, quando pensa os círculos de cultura, baseados numa outra concepção de interação dentro do espaço educativo, refutando toda a relação hierárquica existente entre professor-aluno onde, nesse caso, passa-se a estabelecer o diálogo, o olhar o outro, a partir da roda, onde todas e todos estão fisicamente e simbolicamente em mesmo nível, onde debate-se o tema a partir da cultura, do contexto social dos sujeitos envolvidos/as, bem como existe a busca pela criação de laços cooperativos e não mais competitivos.

Ainda, dessa proposta, que desde o início surgiu com a perspectiva de estar aberta a novas ideias e diferentes temáticas, foi possível visualizar que as meninas se sentiram a vontade para colocar outras formas que poderíamos discutir feminismo. Isso demonstra, ainda que inicialmente, um sentimento de pertencimento e identificação com o grupo e com as oficinas, como demonstra o relato a seguir:

Estou gostando muito da maneira como estão sendo feitas as oficinas e acho que poderiam continuar, por exemplo, mesmo que passe o ENEM, ter reuniões para desabafo em todos os sentidos, tipo reunir mulheres para uma roda de chimarrão, onde tenha esclarecimento de informações, opiniões, essas coisas, porque depois que eu comecei a participar das oficinas comecei a perceber o machismo e a querer enfrentar ele junto com outras meninas que também sentem.¹⁶

¹³ Depoimento coletado em 13/08/2013.

¹⁴ Depoimento coletado em 13/08/2013.

¹⁵ FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. 1 ed. 1967.

¹⁶ Depoimento coletado em 13/08/2013.

Pois, certo é que, os espaços educativos e os movimentos sociais em alguma medida podem fortalecer ou ajudar a construir as identidades dos sujeitos, individual e coletiva, para tanto, cabe a nós, questionarmos se para além da construção dessa identidade, quais os reforços ou as desconstruções a educação popular presente (ou não) no projeto, e o feminismo conjuntamente, podem auxiliar no fomento a uma educação não-sexista.

Assim, o processo de (re)conhecimento das opressões históricas se constitui no processo pedagógico emancipatório, que se estabelece no que Paulo Freire denomina de inédito-viável que é, segundo Streck e Zitkoski, “[...] uma coisa que era inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas quando se torna um “percebido destacado” pelo que pensam utopicamente, o problema não é mais um sonho, ele pode se tornar realidade.”¹⁷ Sendo assim, é possível observar que ao longo da construção e da prática das oficinas, que envolveu várias reflexões para serem elaboradas e realizadas, o “inédito viável” ainda que não alcançado na sua totalidade, pois ainda existe reprodução do sexismo por parte de alguns indivíduos dentro do projeto, vêm se aproximando do horizonte possível de uma pedagogia da libertação,¹⁸ a cada encontro, como nos afirma a educanda: *“Estou amando as oficinas, tive a oportunidade de vir desde a primeira oficina e gostei muito. Vim porque descobri o feminismo há pouco mais de um mês com vocês e já não vivo sem ele.”*

Pois é na construção pedagógica engajada pelo poder dominante, em inúmeras tentativas de subalternização de alguns grupos em detrimento da manutenção de privilégios de outros, que ocorre o processo de naturalização da superioridade masculina tendo suas justificações legitimadas por esse poder patriarcal através da sustentação social da inferioridade feminina.¹⁹

Sendo assim, no que diz respeito ao avanço na “consciência feminista” na equipe de educadores/as e demais colaboradores/as do curso Desafio nas oficinas ou da incorporação da temática de gênero nos currículos, foi possível notar que pouco avançou, o que demonstra que precisamos pensar propostas coletivamente, por exemplo, ciclos de formação continuada, que incorpore essas discussões ou também mudanças no regimento do projeto, medidas que legitimem ainda mais o quão necessário e urgente é esse debate. |

¹⁷ STRECK e ZITKOSKI, 2010, p. 225.

¹⁸ ARROYO, Miguel G. *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*. Vozes, 2012.

¹⁹ SAFFIOTTI, 1987.

Considerações Finais

É uma necessidade latente para o combate às opressões, métodos que fomentem a desnaturalização desses papéis e padrões, e esse processo pedagógico não poderá ser realizado apenas com as mulheres. No entanto, é imprescindível que as mulheres protagonizem essa transformação, por essa razão o presente texto foi construído a partir da narrativa das educandas que sofrem intensamente e vêm relatando diversos casos. Mas é necessário ir além. Precisamos compreender que socialmente a mulher e o homem estão colocados em diferentes polos de relação de dominação-exploração e, nesse sentido, não poderá haver uma transformação unilateral, pois os fenômenos sociais terão sua resolução baseados em relações sociais, tanto de conflito como de diálogo. Por essa razão, há a necessidade de investigarmos posteriormente quais as medidas pedagógicas adequadas para transformação dessa realidade, levando sempre em consideração que não podemos permitir em um espaço de educação popular atitudes antipedagógicas e discriminatórias.

As falas das educandas, ao mesmo tempo em que provocam para refletirmos sobre nossas práticas enquanto educadores/as, nos trazem uma nova esperança de construirmos *outra pedagogia para outros sujeitos*, como salienta Miguel Arroyo,²⁰ e a possibilidade da criação de ferramentas que possibilitem a participação efetiva dos/as educandos/as, como é o caso das oficinas feministas ou como possibilidade futura, a implementação da temática de gênero dentro do currículo do curso, pois essa concepção existe, por exemplo, no projeto político pedagógico mas não na prática cotidiana do curso.

Reconhecimento, identidade, organização coletiva, protagonismo e enfrentamento à opressão, são as etapas constitutivas que podemos observar, enquanto centrais para a transformação da *madresposa* que Marcela Lagarde caracteriza, para um caminhar em direção à sujeita feminista: essa é a tarefa histórica e necessária da fusão entre educação popular e feminismo, que em síntese, poderá fomentar a pedagogia feminista, enquanto proposta política e educativa para todos os espaços sociais.

Referências

ARROYO, Miguel G. *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*. Vozes, 2012.

²⁰ ARROYO, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo (Orgs.). *Pesquisa participante: o saber da partilha*. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

FEMINISMO. In: STRECK, Danilo *et al.* *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. 1 ed. 1967.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra, 2011.

INÉDITO VIAVEL. In: STRECK, Danilo *et al.* *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. *Los cautiveiros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SARDENBERG, Cecília. Pedagogias feministas: uma introdução. In: VANIN, Iole; GONÇALVES, Terezinha. *Caderno Gênero e Trabalho*, REDOR, p. 44/57, 2006.